

dos literatos e não leva em consideração os pensamentos não registrados dos atores — guerreiros e o povo comum. Entretanto, ainda que o poder político e os desejos dos governantes, no período, tenham significado na formação do conceito, o “Império” como ideal humano, romântico e inspirador, foi seu aspecto mais importante. Acima de tudo, à despeito da luta interna que levou à sua final dissolução, teve uma notável influência unificadora entre os povos desses tempos e por sua vez, mais tarde, afetou a evolução das futuras nações-estados.

CONTEÚDO.

Livro I. — *Os principais elementos do conceito medieval de Império.*

1. — Como o conceito de Império sobreviveu à queda do Império Romano Ocidental.
2. — O conceito de Império no tempo de Carlos Magno e o renascimento do Império Ocidental.
3. — Vicissitudes do conceito de Império no século IX.

Livro II. — *Extensão e fragmentação da noção de Império.*

4. — A diversidade do século X: o segundo renascimento do Império.
5. — O conceito de Império nos Estados Ibéricos.

Livro III. — *Tentativas de uma síntese: o Império entre a teoria e a realidade.*

6. — A era otomana e sália.
7. — O conceito de Império e Papado.
8. — O conceito de Império como instituição romana.
9. — A doutrina e a mística de Império no tempo dos Hohenstaufens

Livro IV. — *O conceito de Império acima da realidade.*

10. — O conceito de Império como instituição romana no tempo do Grande Interregno (1250-1268).
11. — A controvérsia sobre o conceito de Império.
12. — O conceito de Império no limiar dos Tempos Modernos.

Documentos.

Cronologias.

Índices.

E. S. P.

* *

*

CAMPOS (Fernando Arruda). — *Tomismo e neotomismo no Brasil.* São Paulo. Editorial Grijalbo. 1968, 242 págs.

Depois de proporcionar-nos a excelente trilogia sobre a história das idéias no Brasil (filosóficas, religiosas e estéticas), a Editorial Grijalbo, voltada mais uma vez para a história da filosofia, apresenta-nos a obra em epígrafe, logo após o trabalho da Professora Acerboni sobre a filosofia contemporânea. O presente ensaio, como o próprio autor reconhece e proclama, é despretensioso e quer ser mais informativo do que crítico. Mas é, acima de tudo, prova de trabalho acurado, paciente, rico de honestidade intelectual e oportuno. A apresentação dos diversos matizes que tomou e vem tomando o pensamento tomista entre nós ajuda-nos a entender que o Tomismo é, antes de mais nada, fidelidade à intenção do mestre, isto é, ao dinamismo de seu espírito, aberto à verdade, capaz de libertar os acon-

tecimentos e dados novos na emergente dimensão do mesmo ser. *Tomismo e neotomismo no Brasil*, como observa o apresentador do volume, é obra que não só enriquece a bibliografia filosófica brasileira como alenta a própria filosofia praticada entre nós.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *

*

BRAUDEL (Fernand). — *Civilisation matérielle et capitalisme. X^e-XVIII^e siècles*. Paris. Armand Colin. 1967. 464 págs. Coleção "Destins du Monde".

Este livro nos faz penetrar no cerne de uma época que nos é próxima no tempo, mas muito longínqua si considerarmos as profundas mudanças operadas na existência dos homens entre os séculos XVI e XVIII. Lendo esse livro empreendemos uma viagem a um outro universo onde a realidade da vida cotidiana não apresenta as mesmas cores que atualmente.

Ainda pouco numerosos, os *homens* multiplicaram-se por dois, pelo menos nesses quatro séculos; a maré demográfica foi muitas vezes dramática, porque o número dos participantes aumentou mais depressa que a massa dos bens de consumo.

Os diversos aspectos da sua existência são estudados na Europa, na África, na Ásia, na América na sua primeira idade colonial, tanto quando se trata de uma vida elementar e monótona — o nível zero da história — tanto quando das exceções brilhantes de luxo e de privilégio, que, por contraste, esclarecem cuamente a massa dos humildes: camponeses, mineiros, artesãos, equipagens de navios, além dos aguadeiros e mariolas.

Na mesma base da vida, havia a *alimentação*, que separa as civilizações: comedores de trigo, de arroz ou de milho, comedores de carne e comedores de pão, esse precioso pão do Ocidente com as suas inumeráveis variedades. Esse quadro contém sombras espantosas: períodos de penúria seguidos de seus corolários, as epidemias e suas tremendas hecatombes.

Depois, no correr das páginas, surgem numerosos detalhes sobre a *vida cotidiana*: o vinho e o álcool, o papel dos "dopantes" (chocolate, chá, café, tabaco), a casa e o móvel, as vestes e seu significado universal (na China, os acessórios das vestes mostram o grau social do personagem) e as mil e uma dissonâncias de um luxo que não tem nada a haver com o conforto: num apartamento principesco, o imperador Maximiliano I come com seus dedos, e com uma única taça serve a todos os convidados...

Enfim, as *técnicas*, tão lentas em se aperfeiçoar e a *moeda*, velha como o Mundo; esses temas, que teriam podidos ser áridos, são tratados com maestria num dos melhores capítulos do livro. A evocação das cidades, do Oriente ou do Ocidente, formigantes e egoístas, encerra este primeiro tomo. O segundo será consagrado ao capitalismo propriamente dito.

Para esboçar esse imenso afresco, o Autor soube vestir o seu rigor de historiador com os encantos de um escritor de raça uma linguagem pessoal, uma imaginação de visionário que não deixará de emocionar o leitor, pela vibração subjacente de uma sensibilidade febricitante. Fernando Braudel, é desde 1950 professor